



MODESTO CARONE

Lição de Kafka

Carone / Kafka


COMPANHIA DAS LETRAS

Anotações breves sobre um conto curto

Entre os contos de Kafka consta pelo menos um que é pouco conhecido. Referimo-nos a

“Pequena fábula”*

“Ah”, disse o rato, “o mundo torna-se a cada dia mais estreito. A princípio era tão vasto que me dava medo, eu continuava correndo e me sentia feliz com o fato de que finalmente via à distância, à direita e à esquerda, as paredes, mas essas longas paredes convergem tão depressa uma para a outra que já estou no último quarto e lá no canto fica a ratoeira para a qual eu corro.” — “Você só precisa mudar de direção”, disse o gato e devorou-o.

Trata-se de uma *fábula* porque nesse relato intervêm animais falantes. Mas não existe aqui — como é o caso da tradição das

* In: *Narrativas do espólio*. Companhia das Letras, 2002. Tradução de Modesto Carone.

fábulas — uma moral explícita da história no final. A ausência dessa moral da história levou muitos intérpretes a não aceitarem que o caso é de fábula, embora o título seja esse, e sim de uma *parábola*, que apresenta a história como se ela estivesse ao lado de outra, com a qual estabelece relações de analogia.

Basicamente o texto é um monólogo do rato. O monólogo — sempre expressão do isolamento — começa com uma interjeição (Ah!). Essa interjeição, no entanto, é logo absorvida no relato de algo experimentado *antes* (*o mundo era vasto, mais amplo que agora*). A repetição da primeira pessoa (eu) e as expressões *medo* e *feliz*, que exprimem afetos e se contradizem mutuamente, provocam o leitor a algum tipo de participação. As experiências do rato são apresentadas como sendo ativas *só uma vez: eu via*. As demais são vividas passivamente: o mundo torna-se mais estreito, as paredes convergem uma para a outra, lá no canto fica a ratoeira. Tudo se passa como se o rato se visse num processo que corre com autonomia, *naturalmente*, sem intervenção do personagem narrador. O resto deve, assim, submeter-se à noção de que a sua situação é *sem saída*. O rato sempre foi movido — impulsionado — pelo medo; é isso que o faz correr para a frente, para o que é amplo e vasto e perder-se no que é necessariamente estreito.

O fecho lacônico da peça tem uma precisão lógica que não é necessariamente *cínica*, e aparece sob a forma de um conselho desinteressado. O verbo *devorou* (*frass*, do verbo “comer” destinado aos animais) assinala um *acontecimento esperado num lugar inesperado*, e assume sua força no momento em que alcança uma nova dimensão que parecia faltar ao texto.

O que Kafka diz nessa micronarrativa? Diz, entre outras coisas, que a última saída da razão leva à ruína. Ou seja: que todos os esforços para superar o medo e a derrocada significam apenas gradações da falta de liberdade objetiva do mundo. Para o rato não existe escolha, ou melhor: essa escolha só pode se dar entre as

alternativas de submeter-se à violência da ratoeira ou à violência do gato.

Nas *Conversações com Kafka*, de Gustav Janouch, o poeta de Praga afirma, a certa altura, o seguinte: “Existe muita esperança, mas não para nós”.

Era esse o teor, a *base*, da sua dialética negativa — e não há como discordar da coerência do humor negro contido nessa fábula.

O realismo de Franz Kafka

Quando visitava uma exposição de pintura francesa numa galeria de Praga, Franz Kafka ficou diante de várias obras de Picasso, naturezas-mortas cubistas e alguns quadros pós-cubistas. Estava acompanhado na ocasião pelo jovem Gustav Janouch, escritor de quem foi mentor na adolescência e que deixou um dos mais importantes depoimentos sobre o poeta tcheco — *Conversas com Kafka*.¹ Janouch comentou que o pintor espanhol distorcia deliberadamente os seres e as coisas. Kafka respondeu que Picasso não pensava desse modo: “Ele apenas registra as deformidades que ainda não penetraram em nossa consciência”. Com uma pontaria de mestre, acrescentou que “a arte é um espelho que adianta, como um relógio”, sugerindo que Picasso refletia algo que um dia se tornaria lugar-comum da percepção — “não as nossas formas, mas as nossas deformidades”.

A observação do grande prosador do século xx coincidia, por antecipação, com a famosa análise de Walter Benjamin, de

¹Texto publicado na revista *Novos Estudos* do Cebrap, março de 2008.